

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

Belisário Penna de camisa-verde: a trajetória de um médico-sanitarista na Ação Integralista Brasileira

Belisário Penna in a green shirt: the trajectory of a public health doctor in the Brazilian Integralist Action

Leonardo Dallacqua de Carvalho¹

Resumo: O artigo analisa um dos momentos menos explorados na trajetória do médico-sanitarista Belisário Penna: sua militância na Ação Integralista Brasileira (A.I.B.). O que motivou sua filiação? Qual foi o papel desempenhado por ele na militância? Qual era sua relação com outros membros e com o líder, Plínio Salgado? Como ele justificava sua participação, considerando sua atuação no saneamento brasileiro? Como se deu a relação com o Governo Vargas, especialmente após o golpe de Estado de 1937? Estas são algumas das questões que o texto busca elucidar, com base em fontes do Fundo Belisário Penna, localizado no Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz (COC).

Palavras-Chave: Belisário Penna; Integralismo; Saneamento do Brasil; Era Vargas

Abstract: The article aims to analyze one of the least explored moments in the career of the public health physician Belisário Penna: his involvement with the Brazilian Integralist Action (A.I.B.). What motivated your affiliation? What role did he play in militancy? What was his relationship with other members and with the leader, Plínio Salgado? How did he justify his participation, considering his role in Brazilian sanitation? How did the relationship with the Vargas Government develop, especially after the 1937 coup d'état? These are some of the questions that the text seeks to clarify, based on sources from the Belisário Penna Collection, housed in the Department of Archives and Documentation (DAD) at the Casa de Oswaldo Cruz (COC).

Keywords: Belisario Penna; Integralism; Sanitation of Brazil; Vargas Era

¹ Doutor em História pela Casa Oswaldo Cruz/FIOCRUZ-RJ. Atualmente é professor no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHIST-UEMA). E-mail: leo.historiafiocruz@gmail.com. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7893-3092>.



O médico sanitarista Belisário Penna (1868-1939) marcou a primeira metade do século XX com a proposta de um projeto nacionalista que ele denominou de “consciência sanitária”. Acreditava que por meio da conscientização em relação à saúde pública, educação e medicina social, o Brasil poderia alcançar um novo patamar enquanto nação. Seu discurso nacionalista condenava a corrupção dos homens públicos, considerados responsáveis pelo atraso nacional. Essa imagem nacionalista, vinculada ao saneamento moral e à saúde da população, desempenhou um papel importante em suas aspirações políticas e na construção de uma imagem heroica, permitindo-lhe transitar por diferentes governos da República e da Era Vargas, além de militar na Ação Integralista Brasileira (A.I.B.).

56

Nesse sentido, pensando a heroificação de Oswaldo Cruz, por exemplo, Nara Britto comenta que sua posição no imaginário coletivo não se impõe de maneira arbitrária e que “Sua aceitação e eficácia política depende de uma crença comum enraizada no imaginário preexistente ou em aspirações e projetos futuros” (BRITTO, 1995, p. 15). Como lembra a autora, “Belisário Penna não somente valia-se do nome de Oswaldo Cruz para legitimar as propostas da Liga, como tentou congregar os discípulos e auxiliares em torno dela, estratégia indispensável para atingir os objetivos que se propunha, de reforma da saúde pública” (BRITTO, 1995, p. 72). O projeto de nação da Liga Pró-Saneamento, idealizado por Penna, era composto de diversos elementos de devoção à memória de Oswaldo Cruz para estabelecer uma continuidade com o seu trabalho e justificar a necessidade de uma campanha nacional de saneamento e intervenção na saúde pública.

O processo de fabricação da memória de Penna, especialmente após a sua morte, é semelhante àquele que o médico mineiro creditava a Oswaldo Cruz. Penna era exaltado como o patriota modelo, o



bandeirante, o predestinado, o sanitarista exemplar, entre outros. Estas eram as qualidades que atribuía a Oswaldo Cruz quando lembrava do mestre. Penna procurou construir sua trajetória para ser lembrado, de certa maneira, como o sucessor de Oswaldo Cruz.

A imagem do “bom sanitarista”, homem público incorruptível e patriota foi se cristalizando no imaginário coletivo, mas não sem negociações e restrições. O texto analisa a militância na Ação Integralista Brasileira, cuja participação sofreu várias interpretações dos seus contemporâneos, sobretudo na tentativa de absolvê-lo de qualquer conotação negativa. À época, o movimento integralista ficou marcado como uma espécie de fascismo italiano à brasileira, combatido por diversos setores da sociedade, principalmente após o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

No final da Segunda Guerra Mundial, a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália era considerada um orgulho nacional. Em contraposição, aumentava o sentimento de negação ao integralismo, considerado por muitos como uma réplica no nazifascismo europeu. Embora os integralistas recusassem tais rótulos, o clima político-social era de reação a qualquer projeto semelhante ao nazismo ou fascismo. Não à toa, o integralismo foi alvo de variadas denúncias e reportagens da imprensa sobre sua associação com os regimes fascistas, mais especificamente o modelo italiano (CALIL, 2001, p. 89-94). De certa forma, diante à comoção do pós-guerra, o integralismo tornou-se uma antítese da FEB e uma representação da sobrevivência do nazifascismo. Para os adversários que temiam o ressurgimento do integralismo na vida política era importante a manutenção do sentimento anti-integralismo e sua associação constante com as ideologias em negação.

Consequentemente, este sentimento negativo se estendia aos

seus membros. Se o integralismo era associado às ideologias nazista e fascista, seus participantes eram igualmente reconhecidos como seguidores de tais doutrinas. Assim, quando se pensa na construção da imagem de Penna como modelo de grande patriota, o vínculo com o integralismo poderia representar uma mancha irreparável e contraditória para sua trajetória. Nesse sentido, duas estratégias foram adotadas. A primeira foi ignorar o seu envolvimento com o integralismo. A segunda esteve no esforço pedagógico em explicar que sua ligação à A.I.B. foi motivada pelo nacionalismo, uma vez que no momento da sua adesão, julgava o movimento como a melhor solução para o Brasil.

Seus filhos contribuíram para relativizar e silenciar a sua participação na A.I.B. Na síntese biográfica de João Fernandes de Oliveira Penna há uma lacuna entre a saída do Governo Provisório, em 1933, até o seu falecimento em 1939. Este lapso temporal, compreendido em parte do período em que Penna estava imerso à doutrina integralista, é propositalmente ignorado por seu filho. Na dissertação de Taiguara Moreira sobre o Fundo Pessoal Belisário Penna, as netas de João Fernandes Oliveira Penna relatam que o avô também pertenceu ao movimento integralista, chegando a ser preso em uma determinada época (MOREIRA, 2016, p. 72). João Penna era considerado pela família como um nacionalista radical (MOREIRA, 2016, p. 87). Desse modo, por qual razão João Penna omitiria a informação do integralismo do pai?

Sustento dois fatores para formular a hipótese. A primeira vai ao encontro da negação ao integralismo do pós-guerra e seus efeitos na sociedade brasileira. Desse modo, ligar Penna a um movimento em plena deterioração moral e social poderia macular a construção da memória do “brasileiro exemplar”. Em segundo lugar, como historicizo a seguir, os próprios contemporâneos de Penna atribuíram sua entrada ao



integralismo como algo decepcionante. A síntese biográfica em comemoração ao centenário de nascimento de Penna foi escrita em 1968, em homenagem realizada no auditório do Ministério da Educação com a participação de familiares, amigos e ex-colegas de profissão (MOREIRA, 2016, p. 74-75). À época, acentuada a ditadura civil-militar, o país vivenciava um período de repressão e censuras, sustentada, entre outras, pelo mantra do nacionalismo. Nesse contexto, na homenagem em espaço estatal, o passado integralista de Penna era menos relevante do que o seu espírito nacionalista. A exclusão da memória integralista atende a um momento específico da narrativa sobre o médico brasileiro.

Este segundo ponto está na carta de uma das filhas de Penna, Ernestina, a Alberto Diniz. Embora não economize elogios ao autor do esboço biográfico, quando comenta sobre a participação de Penna na A.I.B., procurou fazer ressalvas à interpretação de Diniz. Ernestina descreve quais seriam as verdadeiras motivações de Penna ao filiar-se à A.I.B.:

59

Só faço em tudo, meu caro Alberto, uma ressalva, sem que isso em nada desmereça o seu trabalho: é no que se refere ao integralismo. Nem você, nem o Comte entenderam *esta fase da vida de Papai*. Não vou discorrer aqui sobre doutrinas políticas, mas, conhecendo, como você bem conhecia, a alma ardente e idealista de Papai, não era de admirar que ele se tivesse apaixonado pela ideia nova do levantamento moral, educação e assistência social adequada do povo que se propunha à nova corrente idealista que surgia. Pode você estar certo que foi só o reerguimento do Brasil e do povo do lodaçal vil e rasteiro getuliano em que se debatiam naquela ocasião; foi só isso que Papai viu no integralismo. *Tudo nele era só pureza de intenções, esperança vivíssima de que surgisse de toda aquela pregação patriótica um homem novo, brasileiro consciente de seus direitos e esclarecido sobre seus deveres.* Eu conversei muito com ele sobre isso. Eu ouvi, eu própria, as palavras de fé, de sonho, de idealismo do próprio Plínio Salgado, outro idealista que confiou demais em quem o cercava. Sei o que ia no coração de Papai de desejo de ver o Brasil entrar num rumo mais acertado. Sei que ele nunca mudaria seu jeito honesto, seus princípios e que a qualquer tempo que o integra-



lismo tivesse vencido, ele diria aos responsáveis pelos destinos da pátria o que disse ao Getúlio, quando, logo após a revolução em que lutara com este, chamado por ele a ocupar o lugar de Diretor da Saúde Pública: “Senhor Getúlio, depende de V.S que eu continue ou não revoltoso” (Carta de Ernestina a Diniz. São Paulo, 13 de julho de 1948, p. 44-45). [Grifos meu].

60

O esforço de Ernestina em provar que a relação do pai com a A.I.B. era estritamente patriótica sugere o quão prejudicial seria associar a memória de Penna ao movimento integralista naquela segunda metade de 1940. A sutileza envolve, inclusive, Plínio Salgado, no qual é interpretado por Ernestina como um “[...] idealista que confiou demais em quem o cercava”, assim como seu pai. A própria absolvição de Plínio Salgado por Ernestina não acontece ao acaso, uma vez que Salgado esteve próximo a Penna e trocou cartas com sua família. Portanto, Ernestina justificava que o envolvimento de Penna fazia sentido à medida que buscava alternativas para o “[...] levantamento moral, educação e assistência social adequada do povo”, conservando assim a memória do homem público patriota. Na perspectiva do sociólogo Michael Pollak, a memória, assim como o sentimento de identidade, é uma questão importante na disputa dos valores familiares (POLLAK, 1992, p. 205). Não é por acaso que ao final da carta há uma mensagem anexada informando que as palavras de Ernestina representavam “[...] o pensamento de todos os irmãos e irmãs” (Carta de Ernestina a Diniz São Paulo, 13 de julho de 1948, p. 48). A família representa este elemento de disputa da construção social da memória e da identidade do sujeito.

No esboço biográfico escrito por Alberto Diniz, a relação entre Penna e a A.I.B. é tratada com cautela. Sem entrar em detalhes, dedica um único parágrafo à questão ao descrever a sua surpresa ao ver Penna vestindo a camisa verde. Eximindo-se de qualquer juízo de valor, narra a conversa que teve com Penna na igreja Outeiro da Glória, em 1937, em



ocasião ao casamento de uma das filhas do advogado Afonso Penna Júnior (1879-1968). Naquele momento, Penna relatava a Diniz sua insatisfação com Getúlio Vargas por ter promovido um golpe de Estado que fundaria o Estado Novo. Não há maiores descrições sobre a ideologia integralista ou o envolvimento de Penna com a A.I.B. Diniz elabora sua conclusão mais à frente, ao dizer que Penna “[...] coloca-se, incontestavelmente, entre os brasileiros que mais fizeram pelo engrandecimento da pátria” (DINIZ, 1949, p. 34-35). Uma forma de justificar que todas as ações de Penna foram tomadas pensando exclusivamente no Brasil.

Entre as cartas recebidas que mencionaram o assunto, o advogado Joaquim Nogueira Itagyba relata sua interpretação sobre o integralismo e a participação de Penna. Refere-se assim sobre sua saída do Governo Provisório e seu ingresso na A.I.B.:

61

Abandonando, certamente enojado, aquele cargo, alheou-se da coisa pública e, com espanto meu, e de todos os seus amigos, despiu seu colarinho republicano para se meter dentro da sarja azul do maluco ambicioso que inventou o integralismo, pseudônimo descarado do nazismo ou trabuquismo teutônico. Última vez que o vi foi na Galeria Cruzeiro (encontro casual) e, abraçando-o, não pude conter-me e dizer-lhe “Dr. Belisário, estou pasmo em vê-lo integralista!”. Com fisionomia triste, ele sorriu e nada disse, despedindo-se cortesmente. Grande e notável homem! (Carta de Joaquim Nogueira Atagyba a Alberto Diniz. 7 de julho de 1948, p. 58-59).

Do mesmo modo, o comandante Roberto de Barros decepcionou-se com a decisão de Penna: “Belisário Penna envergava uma camisa verde! Como já era um grande consolo vê-lo sem uma camisa parda ou vermelha, a minha surpresa, dada a confiança que nele depositava, traduziu-se apenas na tolerância de um melancólico sentimento” (BARROS, 1949, p. 9). Tanto o advogado Joaquim Nogueira Itagyba como o comandante Barros demonstraram os conflitos em relação aos inte-



gralistas. O forte sentido político e os efeitos da década de 1930 e 1940 reduziram, como mencionou Itagyba, o integralismo à interpretação de “[...] pseudônimo descarado do nazismo ou trabuquismo teutônico” (Carta de Joaquim Nogueira Atagyba a Alberto Diniz. 7 de julho de 1948, p. 58-59). Embora o efeito do seu ingresso na A.I.B. tenha gerado frustração e revolta por parte dos seus amigos e admiradores, havia a manutenção do respeito pela trajetória de Penna.

Outro documento digno de nota é a revista *Educação*, ligada ao órgão da Associação Brasileira de Educação, entidade à qual Penna exerceu presidência em 1931. O periódico publicou uma breve resenha da biografia de Diniz e as principais referências à trajetória de Penna, enfatizando o caráter de chefe de família exemplar, higienista ilustre e administrador escrupuloso e provecto (DINIZ, 1949, p. 70-71). Remonta, ainda, a sua participação nas campanhas de Oswaldo Cruz, a mobilização e divulgação nacional pelo saneamento, a vasta produção intelectual e a participação na política de Vargas no cargo de Ministro interino da Educação e Saúde Pública. A revista relata a convivência de Penna com homens como Carneiro Leão (1887-1966), Anísio Teixeira (1900-1971) e Flávio Lira da Silva, expoentes da A.B.E. *Educação* encerra a homenagem a Penna no ano de 1932, ignorando sua trajetória integralista após este período.

De modo geral, as explicações para o discurso integralista de Penna eram associadas ao lastro do patriotismo. Era uma forma de justificar o seu histórico condicionado à nação e, concomitantemente, distanciá-lo de qualquer interpretação nociva atribuída naquele momento à ideologia integralista. Com efeito, estas interpretações oferecem uma perspectiva sobre a leitura do integralismo no pós-guerra. No próximo item, destacarei como ocorreu a aproximação entre Penna e o integralismo.



Penna, integralista

O integralismo não pode ser reduzido a um mimetismo do fascismo italiano. Em que pese a dificuldade em conceituar o fascismo, é necessário assumir uma posição em relação ao termo. Sem alongar, empresto a definição de Robert Paxton que entende o fascismo

[...] como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios de unidade, da energia, e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (PAXTON, 2007, p. 352).

63

Embora ofereça uma explicação geral sobre o fascismo, Paxton reconhece a necessidade em analisar os movimentos particularizando os seus contextos de formação. Para ele, “De qualquer modo, a cultura difere tão profundamente de um ambiente nacional para outro, e de um período para outro, que é difícil encontrar um programa cultural comum a todos os movimentos fascistas, ou a todos os estágios do fascismo” (PAXTON, 2007, p. 358-359). Esta é uma questão importante para contrapor as interpretações que simplificam ou generalizam o caráter ideológico do movimento integralista.

A adesão de Penna ao integralismo esteve ligada às suas desilusões políticas nos governos da Primeira República e da Era Vargas. Na sua concepção, a Primeira República não alterou a sua relação com o liberalismo e a centralização política avançou pouco. Razão pela qual



investiu suas energias no golpe de outubro de 1930 (CARVALHO, 2021). Por sua vez, o regime Vargas progrediu na demanda de um projeto autoritário, mas permaneceu, a seu ver, no antigo vício das negociações políticas que marcaram o período anterior.

Desse modo, o golpe de 1930 veio acompanhado de um sentimento de frustração por parte de uma geração que percebia a ausência de uma ideologia concreta no novo governo liderado por Vargas. Penna acompanhava parte dessa geração antes mesmo de 1930. Intelectuais como Pontes de Miranda e Licínio Cardoso estavam entre suas referências. Além disso, a geração dos anos trinta teve como influência Alberto Torres e Oliveira Vianna, intelectuais que marcaram o pensamento político de Penna. Em volta do integralismo havia nomes e convicções – em pleno processo de radicalização – que facilitaram o ingresso de Penna no movimento.

64

Não foi tanto o envolvimento de Penna com o integralismo que determinou suas ideias, antes talvez seja possível dizer que este foi um movimento que reuniu a maioria das bandeiras hasteadas durante a sua trajetória. Entre elas estavam o antiliberalismo, o anticomunismo, a disciplina, a vigilância social, a centralização política e administrativa, o nacionalismo, a religião, o clamor por uma liderança nacional, a reforma moral na política, a unidade nacional, o pensamento de Alberto Torres, entre outras.

Como menciona Trindade, a década de 1930 apresentou a ascensão de variadas iniciativas de mobilização, sob a liderança de civis ou militares, em busca de novas formas de atuação política, como a Ação Social Brasileira, Legião Cearense do Trabalho, Partido Nacional Sindicalista e o grupo monarquista Ação Imperial Patronovista (TRINDADE, 1979, p. 103). Estes foram movimentos que antecederam a A.I.B.

Uma controvérsia surge em relação à data de sua adesão ao integralismo. A historiografia atribui a entrada de Penna na A.I.B. em 1932, ou seja, no momento da fundação do movimento. Não encontrei fontes que sustentem essa afirmação. Nesse período Penna ainda estava ligado ao governo Vargas e encaminhava seu pedido de exoneração, consumado apenas no primeiro semestre de 1933. Vale lembrar que o nome de Penna esteve vinculado enquanto candidato do Partido Democrático do Distrito Federal em vista das eleições da Assembleia Nacional Constituinte de 1933.

Então, quando ocorreu a aproximação de Penna com o integralismo? Segundo a documentação, a sua entrada no integralismo sobreveio apenas no final de 1935, quando publicou um artigo no jornal *Correio da Manhã*, replicado no jornal integralista *A Offensiva*, explicando as razões de seu ingresso no movimento naquele momento. Antes, porém, é preciso analisar o que aconteceu com Penna entre 1933 e 1935, pois este é um período decisivo para compreender a sua mudança de perspectiva e a imersão na proposta integralista de Plínio Salgado.

Além de pedir a exoneração em 1933, Penna decide se afastar da vida pública. Embora tenha colocado muitas expectativas no governo Vargas, sua desilusão foi significativa a ponto de optar por uma mudança de rumos na política. Fora da cena pública, participou mais ativamente da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e retirou-se para um isolamento na zona rural. Alberto Torres foi a principal influência política de Penna, de modo que não há surpresas em sua participação na Sociedade.

Criada em novembro de 1932, a SAAT propunha discutir questões relacionadas ao país tendo como norte as obras de Alberto Torres, consideradas como orientadoras para a organização nacional. Penna foi

um dos sócios fundadores da Sociedade. A SAAT possuía um núcleo central na cidade do Rio de Janeiro e diversos outros núcleos em estados e municípios (PINHO, 2007, p. 175-176). Em carta direcionada ao recém-criado núcleo de Campos, Penna saudava a fundação e estimava que “Os Torreanos de Campos tenham sempre em mente as magistras lições do nosso incomparável patrono [...]” (Carta de Belisário Penna ao núcleo da Sociedade Amigos de Alberto Torres de Campos. Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1933).

Penna também esteve presente discursando no núcleo de Campos em 18 de fevereiro de 1933. Essa conferência, de fato, evidencia a aproximação com o discurso integralista. A retórica é motivada por concepções que tradicionalmente o acompanharam como o nacionalismo, crítica ao liberalismo e a política nacional, valorização rural, reordenação da moral, organização do trabalhador nacional, saneamento, autoritarismo e centralização. Penna intercalava a sua interpretação com trechos da obra de Torres. Em destaque estava o chamado para a mobilização das massas, uma característica que era íntima à proposta integralista e constitutiva da concepção de Penna:

Tenho fé que em cada município do Brasil deve haver alguns patriotas nessas condições, para criar núcleos, que ligados entre si e à Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, constituam força capaz de esclarecer a opinião pública e conquista-la, a fim de que ela exerça pressão vigorosa, de fora para dentro, de forma a forçar os governos a obedecê-la e nos seus imperativos de valorização da terra pelo saneamento; de fortalecimento da família e moralização do lar, pela pequena propriedade, pela colonização, pela educação higiênica, agrícola e profissional; de virilização do homem, pela assistência à mulher e à criança, pelo combate às endemias, ao alcoolismo e à vadiagem, por um sistema de transportes econômicos, de crédito aos lavradores; pela coordenação, enfim, dos elementos imprescindível à eficiência do trabalho (PENNA, 1933, p. 9).



Torres orientou parte de uma geração intelectual das décadas de 1920 e 1930. No integralismo, em que uma parcela dessa geração se fazia presente, não foi diferente. Torres era referência para Salgado desde o início de 1920 e foi amplamente divulgado na propaganda do integralismo. Em vista do depoimento de Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), Silvia Pinho menciona que “Salgado tentou transformar a sociedade numa organização integralista, no que foi impedido pelos outros sócios, permanecendo a SAAT como organização não-partidária” (PINHO 2007, p. 170). O fato de manter a organização não-partidária, segundo a autora, não significava que ela não tivesse objetivos e engajamento político. As orientações de Torres eram compartilhadas tanto pelos integralistas quanto por Penna, razão pela qual a aproximação foi facilitada.

Seu engajamento efetivo na A.I.B. ocorreu em dezembro de 1935, quando anuncia a decisão de voltar à vida pública em nome da gravidade da situação em que o país se encontrava. Assim definia o seu retorno:

Afastado voluntariamente da vida pública dedicado com prazer à labuta rural, não arrefeceu, por isso, o meu patriotismo, acompanhando o vivo interesse o desenrolar das vicissitudes por que vem passando o Brasil.

No isolamento do campo, longe do bulício enervante e perturbador da metrópole, do enxame de boatos e de intrigas, tendo como única testemunha a encantadora natureza que nos cerca, penso que com mais segurança e maiores probabilidades de acerto, os acontecimentos.

Embora houvesse deliberado eclipsar-me do cenário social, quebro agora, por patriotismo, esse propósito ante o perigo que paira sobre o Brasil, ameaçado de subverter-se na animalidade do torvo judaísmo comunista (PENNA, 1935b, p. 1).

Em 25 de dezembro de 1932, em palestra na inauguração de

uma rádio em Paricatuba, realizada a convite Dr. Carvalho Leal, Penna reafirmava que optou por um isolamento voluntário por dois anos da vida pública e da sociedade, dedicando-se apenas à sua fazenda. (Penna, Belisário. Meus caros Patrícios de Paricatuba. 25 de dezembro de 1935a - recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC). Nas entrevistas realizadas com militantes integralistas, Hélio Trindade constatou que dois terços aderiram ao movimento por motivação anticomunista, especialmente após a criação da Aliança Nacional Libertadora em 1935. Outras razões estavam na simpatia pelo fascismo europeu, no nacionalismo e na oposição ao sistema político vigente (TRINDADE, 1979, p. 152). Em enquete realizada com o público feminino da revista *Anauê!*, pode-se notar as adesões devido ao anticomunismo e ao patriotismo. Ao perguntar a razão pela qual a leitora entrou para o integralismo, a Sra. Iracy R. Pardilha afirmava que o “[...] o integralismo é o único movimento capaz de salvar o Brasil do comunismo”. D. Inah G. K. Viard respondia de forma semelhante: “Porque achei que um Movimento que tem por base ‘Deus, Pátria e Família’, reúne a felicidade terrestre sem prejudicar a vida eterna, livrando a nossa querida Pátria das infâmias do comunismo” (*Anauê! A “Enquete” de “Anauê!”*, 1937, p. 68).

A oposição aos regimes políticos liberais e o nacionalismo eram presentes na trajetória de Penna. No entanto, atribui maior peso à sua adesão devido ao efeito do comunismo, que teria encontrado na “[...] crise de caráter, assoberbado por tremenda crise financeira, com a economia desmantelada, a instrução educacional desmoralizadíssima, a doença multiforme e generalizada” (PENNA, 1935b, p. 1) uma oportunidade para adentrar no Brasil. A data também é sugestiva. Penna adere ao integralismo um mês após a chamada “Intentona Comunista”. Razão pela qual a tentativa de golpe de Estado é lembrada por ele:



São traiçoeiros e tartufos. Fingem-se amigos para, com segurança, matar pelas costas ou no sono. Ainda agora, depois do fracasso da Intentona, multiplicam-se as declarações de partidários ou de evidentes simpatizantes do comunismo, de que a guerra que fazem ao integralismo provêm do seu “amor” à liberal democracia, quando a razão dessa guerra é motivada pelo fato de ser o integralismo a única força nacional civil, para quem as forças armadas nacionais – Exército e marinha, podem apelar com absoluta confiança, a fim de auxiliá-las na debelação definitiva dos inimigos de Deus, da Pátria e da Família (PENNA, 1935b, p. 1).

Para Penna, o integralismo era o movimento capaz de conter a invasão dos judeus comunistas que dominaram a Rússia e tinham o objetivo de dominar o mundo (PENNA, 1935b, p. 1). A camisa-verde tornou-se um agregador para um conjunto de nacionalistas insatisfeitos com os rumos da política nacional e com a expansão do comunismo. Doravante passou a contribuir com o movimento por meio de textos publicados em *A Offensiva*, participava de reuniões e se aproximou de Plínio Salgado. Em resumo, Penna adentrava na militância e passava a propagar a doutrina integralista.

69

Pontos de aproximação e o voto de Plínio Salgado em Belisário Penna

Uma vez constatada a adesão efetiva de Penna ao integralismo, ao menos três questões devem ser respondidas. Em primeiro lugar, qual a sua leitura do integralismo e como ela se coadunava em sua trajetória? Depois, como ocorreu a sua ascensão na estrutura organizacional do movimento a ponto de compor a prestigiosa Câmara dos Quarenta? Por fim, qual a sua relação com Plínio Salgado?

No que diz respeito à sua leitura do integralismo, podemos verificar-la a partir da sua produção intelectual na imprensa integralista.



Penna concentrou a maior parte dos seus textos no periódico *A Offensiva*. Ao todo constam nove artigos, publicados entre 1935 e 1937, que desenvolvem a sua interpretação integralista de política.

O livro e o jornal constituíram os suportes fundamentais da doutrinação integralista. Rosa Cavalari argumenta que além da questão teórica, os jornais tinham uma função de uniformizar os discursos. Não à toa, uma Secretaria Nacional de Imprensa e Comissões de Imprensa foram criadas para esta finalidade. Os jornais provincianos e nucleares costumavam reproduzir notícias e informações contidas nos principais jornais que circulavam em São Paulo e no Rio de Janeiro (CAVALARI, 1999, p. 79). Eram centenas de periódicos distribuídos em pelo menos dezoito estados da federação.

70 *A Offensiva*, que circulou entre 1934 e 1938, nasceu para propagar a doutrina integralista em nível nacional. Embora sediada do Rio de Janeiro, sua circulação percorria todo o Brasil, possuiu 516 exemplares e pode ser considerado o jornal mais importante do movimento. O próprio Plínio Salgado foi editor em seu ano inaugural. Era um espaço de doutrinação da militância e legitimidade das lideranças, haja vista que os ícones do movimento publicavam recorrentemente em seus números. São vários os textos assinados por Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso, Madeira de Freitas e Hélio Vianna, por exemplo. Diferentemente do *Monitor Integralista*, que tinha uma diretriz informativa e estrutural do movimento, *A Offensiva* era composta de seções diversas relacionadas ao cinema, contexto internacional, esportes, higiene, sindicatos e sociabilidade. Mesmo com variedades, as seções mantinham o seu caráter doutrinário.

Os preceitos defendidos pelo integralismo, particularmente os de caráter conservador, eram semelhantes ou iguais àqueles que Pen-



na preservava. Assim, diante da frustração com o governo Vargas, o integralismo nascia como uma alternativa reformista e salvadora. Por este ponto de vista, seis palavras se tornam chave para a aproximação de Penna com o integralismo: antiliberalismo, religião, família, nacionalismo, uniformidade e anticomunismo. O lema integralista “Deus, Pátria e Família” é sintomático para compreender os valores que Penna nutriu durante sua trajetória como homem público. Não à toa traduzia os fundamentos do integralismo como “Moral Cristã, a Segurança da Família e a Unidade e Grandeza da Pátria” (PENNA, 1936a, p. 2). A divisa “Deus, Pátria e Família” representava com muito mais propriedade os valores buscados por certos grupos intelectuais, do qual Penna era parte, do que a necessidade de forjar um movimento copiado do estrangeiro. Quero tratar brevemente destes itens para demonstrar de que modo o integralismo converge com as perspectivas de Penna e de parte de uma geração de intelectuais.

71

O antiliberalismo encontrava guarida na retórica de Penna como sendo, a partir da fundação da República, um dos responsáveis pela desassistência da população, enriquecimento de uma elite política e atraso nacional. Argumento presente desde *Saneamento do Brasil*, o regime republicano teria sido fundado “[...] sobre bases falsas de um liberalismo excessivo e inconveniente, que degenerou na fundação de oligarquias e satrapias dissolventes, incapazes e desonestas, e na mais desbragada anarquia, que chafurdou a nação na falênciam e na desonra” (PENNA, 1918, p. 78). Para ele, na década de 1930, a A.I.B. surge como solução para a derrocada das democracias-liberais. Dizia, “A Ação Integralista Brasileira é a antitoxina, que eu previ, desde 1916, no artigo ‘Ferro em Brasa’, um dos capítulos do ‘Saneamento do Brasil’, que se elaboraria no organismo brasileiro para expelir a septicemia demo-liberal [...]” (PENNA, 1936a, p. 2). Penna reconhecia que o excesso



de preocupação materialista contribuiu para o desenvolvimento dessas oligarquias. Na sua visão, apenas uma iniciativa espiritualista e descompromissada com o materialismo poderia revitalizar a nação e criar um sentimento de solidariedade. Vale notar que, segundo Paxton, a descrença na política e a crise do liberalismo favoreceram a ascensão de movimentos com características fascistas:

Os fascismos começavam em quartos de fundo e cresciam até chegar à arena pública com maior facilidade em países onde os governos funcionavam mal ou simplesmente não funcionavam. Um dos lugares-comuns das discussões sobre esse movimento é que ele lucrava com a crise do liberalismo (PAXTON, 2007, p. 135).

A religião também foi um ponto de aproximação de Penna com o integralismo, notadamente pelo seu caráter espiritualista e a prevalência do credo católico - embora exista um recorte protestante no movimento (TRINDADE, 1979, p. 146). O catolicismo marca a formação de Penna desde a sua infância e constitui uma das razões para a sua esperança no integralismo: “Do exposto posso responder que sou integralista, porque já o era desde mais de vinte anos; porque creio em Deus e pratico a moral cristã; porque não sou um instintivo e quero o primado do espírito sobre a matéria [...]” (PENNA, 1937, p. 3).

Uma vez que o materialismo era fruto da derrocada do país, somente uma doutrina espiritualista, que colocasse Deus ao lado dos objetivos do Brasil, poderia oferecer um novo rumo político e social. É nesse momento que a família ganha responsabilidade como edificadora da nova nação. A família representava a ideia de controle, unidade e a designação das funções da mulher socialmente. Era por isso que acreditava que “Urge, a bem da humanidade, um corretivo à loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo [...]” (PENNA,



1959, p. 43). Para ele, a partir do momento que a mulher deixava de seguir sua orientação biológica dirigida ao lar, suas ações começavam a comprometer o futuro do país. A mulher tinha um papel específico como mãe na educação dos filhos que, por sua vez, viriam futuramente a compor o organismo nacional. Em artigo ao setor feminino do integralismo, as blusas-verdes, Penna apresentava a sua lógica:

De que depende o vigor, a operosidade e o progresso material e moral de um povo?

Da fortaleza e vitalidade da célula ou unidade fundamental da sociedade – a Família.

De que depende a fortaleza e a vitalidade da Família?

Do lar próprio e higiênico e da ação e vigilância permanente da mulher (PENNA, 1959, p. 46).

Por último, o anticomunismo passou a figurar com maior intensidade em seu discurso a partir da sua entrada no integralismo. Isto porque na década de 1930 se torna muito mais presente a disputa de espaços políticos com este grupo. Após a Revolução de 1917 espalhou-se a propaganda de que o comunismo pretendia expandir suas fronteiras e dominar pelo materialismo de sua doutrina todo o planeta. O integralismo despontou como uma proposta de negação ao materialismo internacional na qual compreendia o comunismo e o capitalismo como seus representantes. Assim, como aponta Araújo, a proposta de Salgado estava em um contexto mais amplo no qual outras nações também se mobilizavam para a defesa nacional, cada qual à sua maneira (ARAÚJO, 1988, p. 64). Segundo os integralistas, a concepção comunista percebia o homem como peça de uma engrenagem, inserido em uma noção materialista de universo (SALGADO, s/d, p. 26-27). Os integralistas oferecem um sentido integral ao homem, calcado na solidariedade e na totalidade como forma de ação. Essa totalidade não estaria dispersa,

mas organizada para responder a um Estado organizado. O nacionalismo e a uniformidade passam a ser argumentos aglutinadores para negar o comunismo e propor uma perspectiva orgânica de nação. Penna costumava usar a seguinte analogia: “A sociedade é um organismo, como o do homem, que exige completa sinergia no trabalho dos seus aparelhos e constante vigilância dos seus órgãos, para que funcionem regularmente” (PENNA, 1936b, p. 10). O sanitarista brasileiro assumiu esse discurso à medida que a retórica integralista se coadunava com sua visão de vigilância e conservadora da sociedade.

Além disso, após as decepções na política e a restrição de suas ações nos cargos assumidos na máquina do Estado, o integralismo parecia portar uma nova promessa para o desenvolvimento do seu projeto de nação. Agora realizado não por meio do Estado, mas da sociedade. Não a sociedade de indivíduos do liberalismo, mas uma sociedade em mobilização permanente e sob uma doutrina que reordenasse todas as esferas da vida (ARAÚJO, 1988). Tomando o alcoolismo como exemplo, esse “demônio da humanidade”, segundo Penna, o integralismo possibilitaria uma revolução nos costumes e erradicaria esse mal desde a sua raiz, a partir da própria sociedade. Isso eliminaria a necessidade de depender das dificuldades e negociações necessárias para estabelecer leis antialcoólicas, como a taxação sobre as bebidas, algo que desagradava Penna.

Inicialmente, a participação de Penna no movimento estava associada à produção intelectual, especialmente no jornal *A Offensiva*. Isso é indicativo da influência de seu nome ao ingressar no integralismo, uma vez que as principais lideranças nacionais se concentravam naquele periódico.

Não demorou para que Penna fosse convidado a integrar um



dos órgãos de direção. Por meio da resolução n.165, o Chefe do integralismo estabeleceu o Supremo Conselho Integralista, a Câmara dos Quarenta e as Cortes do Sigma. O Supremo Conselho Integralista, sendo um órgão auxiliar para a direção da A.I.B., era composto por dez membros. A Câmara dos Quarenta era representada por cidadãos considerados eminentes na sociedade, com reconhecido valor moral e intelectual no movimento. As Cortes do Sigma eram a expressão máxima do integralismo ocupadas pelo Supremo Conselho Integralista, Câmara dos Quarenta, Secretários Nacionais, Chefes Provinciais, Integralistas especialmente convocados pelo Chefe Nacional (*Monitor Integralista. Resoluções da Chefia Nacional*, 1936, p. 3). Essa consultoria não substituía a decisão soberana de Salgado. O *Monitor Integralista* explicava que a criação dessas instâncias se devia à evolução da A.I.B., em que houve a necessidade de “consultar a massa integralista” (*Monitor Integralista. A Chefia Nacional da A.I.B.*, 1937, p. 2).

75

A resolução n.172 indicava os membros da recém-criada Câmara dos Quarenta. Quarenta homens considerados eminentes na sociedade foram selecionados pelos Membros do Supremo Conselho Integralista. Este grupo, quando exigido, tratava de questões acerca da política, propaganda, finanças, cultura e administração. Segundo o seu regulamento, as conclusões das matérias submetidas à Câmara dos Quarenta eram enviadas a Salgado em forma de parecer. Entre os deveres dos seus membros constavam o sigilo dos assuntos tratados e não omitir opiniões, mesmo que contrariasse as do Chefe. Como consta em seu regulamento, as reuniões aconteciam duas vezes por mês com a presença de Salgado (*Monitor Integralista. Câmara dos Quarenta: Regulamento*, 1937, p. 11). Dentre a lista, o primeiro nome que aparece é o de Penna, classificado profissionalmente como ex-ministro da Educação (*Monitor Integralista. Resoluções da Chefia Nacional*, 1936, p. 3).



Dado que o regulamento instruía a manter as discussões em sigilo interno, há poucos detalhes disponíveis para análise sobre a participação de Penna nas reuniões da Câmara dos Quarenta. Em última análise, a relevância de Penna cresceu em virtude do plebiscito integralista que ocorreu em 23 de maio de 1937 para a escolha do futuro candidato à presidência da República do movimento.

76

O plebiscito de maio de 1937 foi uma convocação de Plínio Salgado para a escolha do candidato que disputaria a presidência da República daquele ano representando o integralismo. A essa altura o movimento estava focado nos processos eleitorais como forma de alcançar o poder. Embora Salgado fosse reconhecido como o Chefe do movimento e, automaticamente, o candidato óbvio à disputa do pleito, o plebiscito possuía um caráter legitimador da sua autoridade no integralismo frente ao processo eleitoral. Com essa atitude, Salgado procurava reafirmar seu desapego ao poder e insinuava que os integralistas eram livres para escolher qualquer outro representante. Essa estratégia de aclamação da sua liderança foi usada em outras oportunidades, como no Congresso de Vitória. Na resolução n.293, que decretava a convocação do plebiscito, fundamentava esses anseios de legitimação, autoridade do Chefe e obediência sob uma forma de escolha livre:

6- Que o Chefe Nacional da Ação Integralista Brasileira não quer ser chefe de escravos, de inconscientes, de autômatos, e sim chefe de homens absolutamente livres, não só na escolha e aceitação espontânea da disciplina a que se sujeitam para engrandecer a Pátria e garantir liberdades, mas, também, para escolha e proclamação daquele que deve encarnar o princípio sagrado da autoridade (*Monitor Integralista*. Convocação de Plebiscito para presidente, 1937, p. 2).

Desse modo, qualquer integralista poderia concorrer e a votação aconteceria em todas as sedes. Como esperado, o resultado da votação



consagrou Salgado como o candidato à presidência da República pelo integralismo com 843.354 votos. Em seguida vieram Gustavo Barroso, com 1.397 votos, e Miguel Reale, com 164. Outras dezenas de integralistas tiveram votos abaixo dos 100. Nessa votação, Penna foi escolhido por 84 integralistas para ser o candidato nas eleições de 1938 (*Monitor Integralista*. Votos do Plebiscito para presidente, 1937, p. 2). Embora sua quantidade de votos seja ínfima em comparação com a de Salgado, ela ganha significado quando considerada em relação aos demais integralistas. Penna obteve apenas 80 votos a menos que Miguel Reale, um importante teórico da A.I.B. Estar entre os dez mais votados indica o *status* de respeito que Penna possuía em relação a figuras mais históricas e tradicionais dentro do movimento.

E qual foi o voto de Plínio Salgado no plebiscito? O Chefe Nacional do integralismo votou em Belisário Penna como seu candidato à presidência da República. A opção de Salgado por Penna enuncia tanto o grau de respeito, como a confiança entre ambos. A carta do integralista Ernani de Moraes a Penna enfatiza que o voto de Salgado simbolizava a sua admiração pelo sanitarista. Ernani de Moraes foi incumbido no dia do plebiscito em levar Salgado para o seu local de votação, no Núcleo da Glória. Segundo Moraes, após votar em Penna, Plínio Salgado disse: “Integralistas, votei em Belisário Penna, Brasileiro ilustre, discípulo de Oswaldo Cruz e nosso impoluto companheiro de Movimento” (Carta de Ernani de Moraes a Belisário Penna. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1937). Na carta mencionava que durante o trajeto de volta Salgado teceu diversos elogios a Penna. Não pretendo supervalorizar a relação entre Penna e Salgado, embora seja importante destacar tais aproximações.

O próximo passo dos integralistas foi comunicar o presidente Getúlio Vargas da escolha do seu candidato. No início de junho, Vargas



recebeu uma comitiva da corte do Sigma no Catete e o anúncio da futura candidatura de Salgado aprovada internamente pela militância. A comissão foi constituída por Everaldo Leite, Belisário Penna, Fonseca Hermes, Amaro Lanari (1887-1968), Rocha Vaz, da Câmara dos Quarenta. Além disso, estavam Miguel Reale, Gustavo Barroso e diversos integralistas que ocupavam cargos em províncias ou da Câmara dos Quatrocentos.

Na audiência, Vargas tomou a palavra para proferir que embora nunca tivesse se encontrado com Salgado, era dever do chefe da nação receber uma comitiva como aquela. Disse também que não possuía preferências por um candidato para a sua sucessão, sendo sua maior preocupação garantir o livre exercício dos direitos políticos (*A Offensiva. Os integralistas no Catete*, 1937, p. 5).

78

Entre as fontes, há uma *Saudação ao Chefe nacional* escrita por Penna a convite do advogado e vice-presidente da Câmara dos Quarenta, Francisco de Paula Queiroz Ribeiro, em razão da candidatura de Plínio Salgado. Penna seria o intérprete da Câmara dos Quarenta junto a Salgado pela consolidação da sua candidatura como representante dos integralistas. A conferência retrata a sua posição de respeito dentro da Câmara dos Quarenta e sua total imersão na doutrina integralista:

A Câmara dos Quarenta, embora das corporações da AIB talvez a última a congratular-se com a Pátria pelo pesadíssimo e sacramento encargo a que espera submeter o Chefe, venerado e obedecido conscientemente e com particular satisfação por todos os camisas verdes, os verdadeiramente camisas verdes, não é menos ardente no entusiasmo patriótico com que espera a vitória do Brasil, no pleito de 3 de janeiro de 1938.

Enquanto a mim, conto como dos mais felizes da minha larga vida este momento em que me coube a ventura de interpretar os sentimentos da Câmara dos Quarenta.

Sinto-me representado nesse ambiente verde, onde impera



profundo sentimento nacionalista, com o firme propósito da unidade e integridade da Pátria de segurança e felicidade da família, numa atmosfera espiritual, dominada por uma força, que se não vê, mas que se sente, porque é a centelha que faz vibrar todas as almas (PENNA, s/d).

Assim como muitos integralistas, Penna nutria uma admiração – quase messiânica – por Salgado. Essa reverência dizia respeito à sua trajetória enquanto jornalista e intelectual e por forjar um movimento de forte cunho doutrinário capaz de catalisar um número diversificado de adeptos. Nas entrevistas que Trindade realizou com as chefias integralistas percebe-se que a admiração nutrida por Salgado era em relação a um líder que inflava as massas e possuía uma oratória convincente. À medida que o integralismo era instrumentalizado, tanto nas deliberações como na questão filosófica, o culto à sua imagem foi sendo fortalecido. Como menciona Trindade, “Sua legitimidade decorre do fato de que ele é a síntese dos anseios de todos os integralistas, o intérprete e o defensor supremo da doutrina” (TRINDADE, 1979, p. 165). Para este autor, Salgado era muito mais um doutrinador e agitador político do que necessariamente um homem de ação prática.

Penna procurava destacar as qualidades do Chefe, sustentando que ele era a personificação dos anseios de todos os integralistas e o único capaz de atingir os desejos da nação. De acordo com o sanitarista brasileiro, foi Salgado e sua doutrina os responsáveis por recuperar um sentimento de esperança que havia se perdido após seus vinte anos de trajetória: “Esses sentimentos que pairava no espírito e nos corações dos bons brasileiros, encontram em Plínio Salgado o homem predestinado a condensá-los numa doutrina patriótica, que consubstancia as tradições espirituais e morais do Brasil” (PENNA, 1936a, p. 2). Em síntese, Penna se enquadra no escopo dos militantes que enxergavam em Sal-



gado o redentor capaz de reverberar os desejos da população e realizar uma verdadeira revolução política e social no Brasil.

O artigo “De Oswaldo Cruz a Plínio Salgado”, publicado em *A Offensiva*, elucida o seu nível de devoção. Em virtude dos vinte anos de falecimento de Oswaldo Cruz, o texto procurava salientar a importância de Cruz como um cientista preocupado com o Brasil, para, em seguida, compará-lo com Salgado. Para Penna, ambos eram predestinados a salvar a pátria e alcançaram a obediência e a disciplina de seus seguidores. Do seu ponto de vista, a razão pela qual Cruz e Salgado conseguiram essa disciplina e obediência era fruto do conhecimento da psicologia do povo brasileiro, algo que a democracia-liberal jamais havia entendido. Assim compara:

80

Oswaldo Cruz foi o criador da consciência sanitária, o percussor da cruzada patriótica de redenção da nossa raça e de reabilitação da nossa terra, cognominado, por isso, Oswaldo Cruz, o Salvador.

Plínio Salgado é o integralizador da Pátria, o unificador de sentimentos e de aspirações de todos os brasileiros; “é modesto e simples, que nasceu para a missão excepcional que nestes dias vai desempenhando”, de Redentor da Pátria.

Os dois se confundem e se completam.

Camisas Verdes! De pé!

À memória de Oswaldo Cruz, o Salvador. Três anauês.

A Plínio Salgado, o Redentor da Pátria. Três anauês (PENNA, 1937, p. 9).

No fragmento acima pode-se notar que três anauês, a saudação integralista, foram ditos tanto para Cruz quanto para Salgado. O rito oficial do integralismo previa que somente o Chefe Nacional, no caso Plínio Salgado, poderia receber três anauês. Em vista de uma estrutura paraestatal organizada como era o integralismo, na qual o simbolismo e



o ritualismo eram fatores decisivos para a sua manutenção, essa questão se torna relevante. Ao atribuir três anauês a Cruz, Penna rompe com um sentido político-ideológico destinado a conduzir o comportamento dos integralistas. A despeito de a intenção ser comparativa, igualando dois homens que representavam a salvação nacional, havia uma questão protocolar a ser obedecida.

Proponho mudar a ordem de reflexão. Para Penna, a valorização a Salgado estava justamente na comparação com Oswaldo Cruz. Penna procurava sempre amarrar as suas referências intelectuais para justificar suas posições no presente e estabelecer uma lógica para a sua ação.

A essa altura, os integralistas estavam convictos de que ocorriam eleições em 1938 e que sua força demonstrada nas ruas elegeria Salgado como próximo presidente do Brasil. No entanto, foram surpreendidos com um golpe de Estado no qual Getúlio Vargas ampliaria seus poderes discricionários e seu governo até 1945.

81

A perseguição a Penna pós-1937 e o desfecho da militância

O Levante Comunista de 1935 foi decisivo para criar um clima conspiratório no qual acreditava-se que os comunistas tomariam de assalto o governo varguista. O integralismo foi beneficiado pelo clima anticomunista em um primeiro instante, uma vez que se apresentava como um instrumento para combater as suas teses. Não raramente, integralistas e comunistas entravam em confronto físico ao redor do país, muitas vezes com vítimas fatais. O próprio Penna conferia um peso considerável à luta anticomunista para o seu ingresso no integralismo. Do outro lado, os comunistas brasileiros declararam abertamente guerra ao imperialismo e ao integralismo. Além disso, havia o medo de que os comunistas brasileiros estivessem sob a orientação da Interna-



cional Comunista e planejassem criar um Estado Soviético no Brasil. Na entrevista de Trindade com Plínio Salgado, o medo do comunismo vinha acompanhado das doações financeiras e adesões à A.I.B. Quando perguntado sobre quem doava para o movimento, Salgado respondeu: “Comerciantes, industriais doavam, tinham medo do comunismo”. Ao ser questionado se eram integralistas militantes, completava: “Não. Eram medrosos do comunismo” (TRINDADE, 2016, p. 195).

O governo federal respondeu ao levante comunista por meio da instauração de um estado de sítio que vigorou até meados de 1937. Nesse intervalo, setores liberais começavam a exigir maior ação contra os comunistas por parte do Estado (CAPELATO, 2007, p. 116). O governo respondeu aumentando a repressão, as perseguições, as prisões e as torturas.

82

O integralismo estava próximo ao governo e disponibilizava seus militantes para combater os adeptos do comunismo ou marchar para legitimar Vargas. Do ponto de vista da A.I.B. a situação estava controlada para as prometidas eleições de 1938. Vargas afirmava não ter um candidato para a sua sucessão, as adesões ao integralismo cresciam e a esquerda era violentamente reprimida. No entanto, o clima anticomunista foi oportuno para um novo golpe de Estado com a divulgação do Plano Cohen. O plano foi um documento forjado pelo então capitão Olímpio Mourão Filho (1900-1972) no qual supostamente se encontravam as novas estratégias comunistas para a dominação do Estado brasileiro. Encaminhado ao exército, os militares exigiam o decreto de um novo estado de guerra. Segundo Dulce Pandolfi e Mário Grysztzan, a aprovação do novo decreto de estado de guerra teve mais relação com as pressões do exército que ameaçava fechar o congresso do que necessariamente o temor aos supostos planos comunistas (PANDOLFI E GRYNSZPAN, 1987, p. 44). Salgado explicava que o Plano Cohen

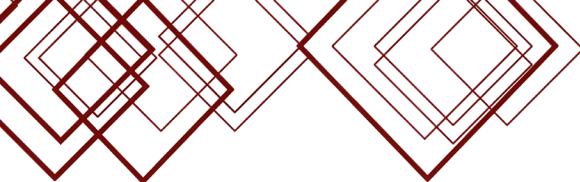


nada mais era que um estratagema. Ele esclarecia que “Era um estudo de como seria uma revolução comunista, que era para nós mimeografarmos aqui, para darmos aos burgueses lerem, para nos ajudar, porque nós estávamos mal de finanças” (TRINDADE, 2016, p. 197).

Esta foi a oportunidade para que Vargas apresentasse uma nova Constituição e iniciasse o Estado Novo aumentando seus poderes discricionários, interventor e autoritário. Nesse momento, Vargas articulava o novo golpe com Góis Monteiro, Eurico Dutra (1883-1974), Francisco Campos, Agamenon Magalhães (1893-1952), Filinto Müller (1900-1973), Benedito Valadares (1892-1973) e Negrão de Lima (1901-1981), atores diferentes daqueles que o acompanharam no golpe de 1930 (PANDOLFI E GRYNSZPAN, 1987, p. 48).

Se os integralistas estavam animados com o suposto pleito eleitoral, o Estado Novo tratou de frustrá-los. Mais ainda, se antes os integralistas eram usados como peças para combater os comunistas e manter a legitimidade de Vargas, a nova ordem era reprimir os sob a justificativa de afinidades com os nazifascistas, “[...] com os quais o governo tinha afinidades, mas procurava não se identificar explicitamente” (CAPELA-TO, 2007, p. 132). Na Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas declarou “estado de beligerância” com o Eixo apenas em agosto de 1942.

A promessa de entregar o Ministério da Educação a Salgado nunca se concretizou. Vargas soube manobrar a massa integralista e procurava mantê-la a seu favor, haja vista o apoio dado pelos integralistas para o golpe de 1937. Quando recebeu os integralistas no Catete no episódio do plebiscito integralista, fez questão de enfatizar que “[...] nunca o integralismo conspirou, nunca tentou qualquer movimento contra a ordem, jamais foi pilhado em conspiração no país” (*A Offensiva. Os integralistas no Catete*. Rio de Janeiro, 1937, p. 5). Em meio a uma



dura batalha contra os comunistas, e sabedor da vontade de ascensão ao poder dos integralistas, Vargas tinha a consciência que era importante não criar outros inimigos. Ressaltar o aspecto democrático das eleições integralistas era convencê-los da sua própria legitimidade e do apoio do governo varguista. Além de não entregar o prometido Ministério da Educação a Salgado, Vargas também solicitou o fechamento de todos os partidos políticos, incluindo a A.I.B.

Na clandestinidade, as manifestações integralistas eram reprimidas e, seus adeptos, presos. Salgado tentava sem sucesso uma reaproximação com Vargas. Doravante o integralismo passou a conspirar contra o regime Vargas e criar focos de confusão em diversas regiões do país. Embora muitas das manifestações dissessem respeito ao ímpeto integralista em reprovar as atitudes políticas de Vargas, também estava na ordem do dia conspirações mais elaboradas de sabotagem e tentativas de assassinato ao presidente.

84

Em 11 de março de 1938 ocorreu o primeiro ensaio de tomada de poder. Em resumo, o movimento armado não obteve sucesso, foi rapidamente descaracterizado e a repressão aos integralistas acentuou-se. Estariam envolvidos na ação o político Otávio Mangabeira (1886-1960) e o general Euclides Figueiredo (1883-1963), que foram identificados e presos (CALIL, 2001, p. 71).

A Revolta Integralista de 11 de maio de 1938 foi mais elaborada que a iniciativa de março, mas não menos frustrante. Segundo Calil, havia a participação de integralista com apoio de setores “liberais” interessados em derrubar Vargas (CALIL, 2001, p. 73). A missão principal foi desferida ao Palácio da Guanabara, estrategicamente selecionado para a data em que esteve de guarda o Tenente Júlio do Nascimento, um dos conspiradores (CALIL, 2001, p. 74). O objetivo principal era



de assassinar Vargas. Simultaneamente aconteceriam ataques ao Coronel Canrobert (1895-1955), ao General Góis Monteiro, a estações de rádios e a prédios governamentais (SILVA, 1964, p. 184-197). A falta de planejamento e ausência de muitos adeptos à conspiração tornaram as ações uma segunda catástrofe.

Nesses momentos conspiratórios um nome entraria em destaque: Belmiro Valverde (1884-1963). Formado em medicina, Valverde adere ao integralismo no início de 1933, trabalhou nas finanças e pertenceu ao conselho supremo da A.I.B. Em oposição ferrenha a Vargas passou a articular as conspirações ao governo. Para o chefe “provincial” da Guanabara, Valverde era pouco interessado na doutrina integralista e mais apto à ação direta (TRINDADE, 2016, p. 357) Para outro dirigente “nacional”, “O Valverde sempre foi um golpista. Em toda reunião de integralistas, só falava em dinheiro para comprar armas” (TRINDADE, 2016, p. 281). Embora Valverde representasse a ala favorável à tomada de poder pela violência, a “[...] maioria dos integralistas acreditava na tomada pacífica do poder, na medida em que o mundo, aos seus olhos, tornava-se fascista” (TRINDADE, 1979, p. 208). Nesse sentido, a despeito de acompanhar os resultados da Revolta Integralista, Salgado optava pela reconciliação com Vargas.

Não há registros de que Penna tenha se envolvido com nenhum dos acontecimentos de março ou maio de 1938. No entanto, por ser um homem de confiança de Salgado e pertencer à Câmara dos Quarenta, seu nome foi ligado às tentativas de conspiração. Em face às ameaças de morte a Vargas por personagens como Valverde e Flores da Cunha – forçado a deixar o governo em 1937 após romper com Vargas –, Penna figurou juntamente com outros integralistas como um perigo para o Estado Novo. Penna chegou a receber em outubro de 1938 uma carta assinada pelos Vigilantes da Ordem ameaçando-o e responsabilizando-



-o por qualquer acontecimento com a vida de Vargas. Reproduzo na íntegra:

Ao Exmo. Sr: Belisário Penna.

Ante a ameaça feita pelos Srs. Belmiro Valverde e Flores da Cunha, os VIGILANTES DA ORDEM, deliberaram responsabilizar V.S. e mais alguns cidadãos por qualquer tentativa de morte na pessoa do Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República.

Fica assim entendido:

1º) A simples notícia de uma tentativa contra a vida do Sr. Presidente, três dos nossos membros, previamente escalados e que agirão isoladamente têm a missão de eliminar V.S. estando para isso ao par de sua vida e de seus passos.

2º) Será inútil qualquer tentativa de evasão que V.S. pense em tomar, pois a nossa organização compreendendo a responsabilidade de uma deliberação de tal natureza tomou todas as providências para ficar acoberto de possíveis imprevistos.

3º) Não se torna necessário o êxito do atentado, mas a simples tentativa os nossos homens têm ordens de agir imediatamente e sem hesitações.

Não temos obrigação de justificar perante V.S. a razão porque os VIGILANTES resolveram se constituir em protetores da ordem sob normas radicais de eliminação. Apenas, queremos frisar, que os nossos processos são os mesmos que os preconizados por V.S.

Este é o primeiro e único aviso que V.S. de nossa parte.

OS VIGILANTES, em outubro de 1938 (Carta dos Vigilantes da Ordem a Belisário Penna. Outubro de 1938. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

Aparentemente, os Vigilantes da Ordem eram uma milícia cuja função estava em perseguir os opositores e conspiradores do regime varguista. Para tanto, a retórica era combativa e ameaçava eliminar qualquer grupo ou indivíduo que tentasse conspirar contra a vida de Vargas. Às vésperas de completar setenta anos de idade, Penna não parecia disposto às investidas com este objetivo. Pelo contrário, desde o golpe de 1937 e a desintegração da A.I.B. como entidade partidária, não houve



mais mobilização de sua parte no integralismo. Uma vez que Penna havia voltado à vida pública justamente por creditar ao integralismo a última esperança para o seu projeto de nação, o golpe de 1937 cimentou qualquer expectativa de sucesso.

Cansado, Penna decidiu definitivamente deixar a vida pública e se aposentar. Terminou seus dias em sua fazenda Santa Bárbara, localizada no município de Sacra Família do Tinguá, no Estado do Rio de Janeiro. Segundo Augusta Salles Pereira, funcionária da fazenda, Penna dividia o tempo andando pelas montanhas, trabalhando em uma oficina particular – pintando charretes, por exemplo –, e colhendo verduras (PEREIRA, 1940, p. 2). Seu falecimento ocorreu em 4 de novembro de 1939, aos 70 anos.

Após o falecimento, Plínio Salgado encaminhou uma carta à família de Penna prestando suas condolências. Na carta descreve a sua compreensão da trajetória de Penna e sintetizava os motivos de sua admiração, inclusive comparando-o a uma figura paterna:

87

Toda a preocupação de Belisário Penna foi a de formar a consciência do seu povo: consciência econômica, a consciência sanitária, a consciência política, a consciência moral, e espiritual. As verdades que ele dizia eram tão novas que os homens de sua geração não o comprendiam. Como todos os grandes homens, os seus contemporâneos não eram os que cruzavam com ele nas ruas, mas os que ainda se embalavam nos berços. E ele teve a felicidade de alcançá-los, de conviver com eles. Quando ele andou trabalhando com Oswaldo Cruz, eu era uma criança, aprendendo a cartilha ao colo de minha mãe. Quando ele escreveu aquelas páginas luminosas em que bosquejou os quadros vivos das realidades sociais do Brasil, eu saía do ginásio. Algum tempo depois, convivi com ele em espírito, acompanhei suas campanhas, meditei sobre seus ensinamentos. Vinha dele qualquer coisa de comum com as íntimas estruturas do meu espírito. É que Belisário era um caboclo como eu. Falava nele a voz profunda das montanhas centrais, cujo oxigênio respira largamente quando meu pai me ministrava as primeiras lições de nacionalismo e minha mãe me incutia o sentimento dos de-



veres morais. Acompanhei-o de longe. Um dia, tive a alegria de conhecê-lo pessoalmente, e em que condições. Saudei nas suas cãs, na sua figura comovente, o precursor de um Futuro em nome do qual eu vinha falar. *A nossa amizade tornou-se profunda.* Tudo na sua presença tinha para mim o magnetismo de uma presença paterna. Estimei-o como raramente se estima alguém

(Carta de Plínio Salgado à família Belisário Penna. Lisboa, 25 de novembro de 1939). [Grifo meu].

88

A correspondência foi respondida por sua esposa Maria Chaves, na qual mencionava que a carta de Salgado representava o maior conforto recebido após a morte. Em resposta, a viúva salientava que o exílio de Salgado e a perseguição sofrida ao ideal integralista foram os motivos que mais concorriam para abreviar-lhe a vida (Carta de Maria Chaves a Plínio Salgado. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1939). A forma como a esposa de Penna se refere ao integralismo oferece a dimensão do seu envolvimento, especialmente no tratamento de Salgado ainda como “Chefe”. Depois das prisões, ameaças e exílios aos integralistas, Penna se afastou da militância, embora ainda acreditasse na viabilidade da sua doutrina.

Considerações finais

As discussões de saneamento e moralidade perpassam toda a trajetória intelectual de Belisário Penna na tentativa de pensar a redenção do país. Nesse sentido, a perspectiva integralista propunha uma mudança moral conduzida pelos seus próprios membros. A compreensão de uma unidade nacional, rígida em sua doutrina, faria com que o cidadão buscassem se adequar e se normatizar ao coletivo. De certa forma, a doutrina gerava uma “consciência” muito próxima àquela pretendida por Penna. O integralismo propunha uma transformação social de baixo para cima. Nesse sentido, os vícios representavam um desvio do comporta-



mento almejado, devendo ser repelido o consumo destes. Para Penna, o integralismo defendia, assim como ele, uma proposta de consciência nacional a partir de uma doutrina rígida, vigilante e nacionalista.

A trajetória de Belisário Penna permite refletir sobre a relação entre sociedade e Estado. Ao considerar que a República de 1889 não consolidou os ideais prometidos, especialmente em relação à extensão da cidadania, o Estado autoritário aflorou como possibilidade de reforma social. O Estado tutelar, portanto, corrigiria as anomalias do republicanismo e do federalismo. No entanto, o Estado autoritário varguista, em que Penna depositou confiança, não se distanciou das velhas negociatas e nem lhe permitiu ampla autonomia. Embora fosse mais interventor, prevaleceu a noção do Estado como instrumento de dominação entre classes sociais. A A.I.B. nasceu como uma proposta redentora de um Estado, que, ora liberal, ora autoritário, não conseguiu propor um projeto de país adequado para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Dessa forma, em determinado momento, para Penna, o segredo não estaria no Estado, mas nas massas. Somente elas poderiam normatizar e propor um projeto ligado aos reais interesses da nação. A crença em um líder, que estivesse sintonizado com os anseios da população, poderia guiar o Brasil para a redenção almejada.

Referências:

- A Offensiva. Os integralistas no Catete.* Rio de Janeiro, Ano IV, n. 514, 1937.
- Anâue! A “Enquete” de “Anauê!” entre as blusas verdes do Brasil.* n. 18, agosto de 1937.
- AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. Manifesto 7 de outubro de 1932. São Paulo: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

- ARAÚJO, R. B. *Totalitarismo e Revolução*: o integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BARROS, R. Prefácio. In. DINIZ, Alberto. *O dinamismo patrioticamente construtivo de Belisário Penna*: esboço biográfico. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio/Rodrigues & Cia, 1949.
- BRITTO, N. *Oswaldo Cruz*: a construção de um mito na ciência brasileira. 1^a Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.
- CALIL, G. G. *O integralismo no pós-guerra*: a formação do PRP (1945-1950). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CAPELATO, M. H. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- 90 CARVALHO, L. D. *O saneador do Brasil*: Saúde pública, política e integralismo na trajetória de Belisário Penna (1868-1939). Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2019.
- CARVALHO, L. D. Por uma “consciência sanitária” revolucionária: a participação do médico Belisário Penna em outubro de 1930. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, 2021, pp. 875-896.
- Carta de Belisário Penna ao núcleo da Sociedade Amigos de Alberto Torres de Campos. Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1933.
- Carta de Ernani de Moraes a Belisário Penna. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1937.
- Carta de Ernestina a Diniz. São Paulo, 13 de julho de 1948.
- Carta de Joaquim Nogueira Atagyba a Alberto Diniz. 7 de julho de 1948.
- Carta dos Vigilantes da Ordem a Belisário Penna. Outubro de 1938. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).



CAVALARI, R. M. F. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Correio da Manhã. O Congresso Integralista: Os seus trabalhos em Vitoria. Rio de Janeiro, Ano XXXIII, n. 12.043, 7 de março de 1934

DINIZ, A. *O dinamismo patrioticamente construtivo de Belisário Pena: esboço biográfico*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio/Rodrigues & Cia, 1949.

Grupo: Pesquisa. Dossiê: Comunicação de resultados. (recorte avulso, Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Monitor Integralista. A 1ª sessão solene no teatro Carlos Gomes. Ano II, n. 6, 1934.

Monitor Integralista. A Chefia Nacional da A.I.B. Ano IV, n. 16, 1937.

Monitor Integralista. Câmara dos Quarenta: Regulamento. Ano IV, n. 16, 1937.

91

Monitor Integralista. Convocação de Plebiscito para presidente. Ano V, n. 19, 1937.

Monitor Integralista. Inauguração de uma escola integralista para operários. Ano I, n. 1, 1933.

Monitor Integralista. Resoluções da Chefia Nacional. Ano IV, n. 15, 1936.

Monitor Integralista. Votos do Plebiscito para presidente. Ano V, n. 20, 1937.

MOREIRA, T. S. *Da Família Penna à Casa de Oswaldo Cruz: um estudo etnográfico sobre a construção do Fundo Belisário Penna*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

PANDOLFI, D. C; GRYNSZPAN, M. *Da revolução de 30 ao golpe de 37: a depuração das elites*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e



Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

PAXTON, R. O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PENNA, B. A mulher, a Família, o Lar e a Escola. In: *ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO: O Integralismo e a educação*. V.9. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1959.

PENNA, B. Conferência realizada pelo Dr. Belisário Penna, no dia 13 de fevereiro de 1933, na cidade de Campos, na Fundação do Núcleo Campista da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Campos, 13 de fevereiro de 1933.

PENNA, B. De Oswaldo Cruz a Plínio Salgado. *A Offensiva*, Ano IV, n. 443, 1937

PENNA, B. Meus caros Patrícios de Paricatuba. 25 de dezembro de 1935a. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

PENNA, B. Momento Brasileiro. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, Ano II, 92 n. 84, 1935b.

PENNA, B. Pânico, Rancor e ódio. *A Offensiva*, Ano III, n. 299, 1936a.

PENNA, B. Porque sou integralista. 29 de junho de 1937, p. 3. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

PENNA, B. Saneamento de Fachada. *A Offensiva*. Ano II, n. 130, 1936b.

PENNA, B. *Saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunaes, 1918.

PENNA, B. Saudação ao Chefe nacional. S/D. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

PEREIRA, A. S. A morte do Dr. Belisário Penna. Fazenda Santa Bárbara. Dezembro de 1940. (recorte avulso, Fundo Belisário Penna, DAD-COC).

PINHO, S. O. C. *Alberto Torres: uma obra, várias leituras*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

- 
- POLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- SALGADO, P. *O que é o Integralismo*. São Paulo: Editora das Américas, S/D.
- SILVA, H. 1938: Terrorismo em Campo Verde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- TRINDADE, H. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.
- TRINDADE, H. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. 1^a Ed. São Paulo: DIFEL, 1979.